

---

## AFROQUEER: UMA (RE)DIMENSÃO DECOLONIAL

### *AFROQUEER: A DECOLONIAL (RE)DIMENSIONAL*

---

**WILTON GARCIA SOBRINHO**

Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba

**Resumo:** Este texto aborda o trabalho criativo intitulado afroqueer no contexto da diversidade cultural/sexual, de gênero, etnia-raça e classe. Isso solicita um movimento estratégico de possibilidades enunciativas para tangenciar as comunidades Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexs, Assexuados, Pansexuados e afins – LGBTQIAP+. Dessa maneira, há uma questão para se pensar: como se constitui a diversidade, hoje, nas comunidades latinas entre a pluralidade decolonial e a experimentação poética? O objetivo é desenvolver um debate crítico-reflexivo acerca do afroqueer, como projeto criativo, no campo da arte contemporânea. Baseados em estudos contemporâneos, interessa propor um percurso metodológico, no formato ensaio, ao evidenciar três categorias: experiência, flexibilidade e versatilidade. Por certo, o ensaio permite a eleição de valores, princípios e derivações da (re)dimensão decolonial, a qual (re)conduz um fecundo território para o processo de criação na América Latina. Pensar sobre o plural como produção de conhecimento, subjetividade e informação evidencia um posicionamento acadêmico e intelectual que confronta o sistema hegemônico e propõe uma Arte Decolonial Sustentável.

**Palavras-chave:** arte; afroqueer; decolonial; diversidade; plural.

**Abstract:** This text addresses the creative work entitled afroqueer in the context of cultural/sexual, ethnic-racial, gender and class diversity. This calls for a strategic movement of enunciative possibilities to touch the Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite, Transsexual, Intersex, Asexual, Pansexual and related communities – LGBTQIAP+. In this way, there is a question to think about: how is diversity constituted, today, in Latin communities between decolonial plurality and poetic experimentation? The objective is to develop a critical-reflective debate about the afroqueer as a creative project in the field of contemporary art. Based on contemporary studies, it is interesting to propose a methodological approach, in essay format, by showing three categories: experience, flexibility and versatility. Certainly, the essay allows the election of values, principles and derivations of the decolonial (re)dimension, which strategically (re)conducts a fertile territory for the creation process in Latin America. Thinking about the plural as the production of knowledge, subjectivity and information highlights an academic and intellectual position that confronts the hegemonic system and proposes a Sustainable Decolonial Art.

**Keywords:** art; afroqueer; decolonial; diversity; plural.

## 1 INTRODUÇÃO

(...) a experiência informa não só os temas sobre os quais escrevemos, mas também o que escrevemos sobre esses temas, os juízos que fazemos. (HOOKS, 2021, p. 84).

Cada vez mais, a contemporaneidade (re)considera o fluxo da informação nas redes sociais da internet, ao desafiar uma política identitária e cultural. A informação, em trânsito, ostenta sua fluidez recorrente, tornando as coisas bastante fluidas. Desse modo, contradições, controversas, embates, insurgências e paradoxos (re)formulam dilemas contemporâneos, os quais (re)inscrevem fragmentos de nossa história. Ser, estar, aparecer são propósitos diluídos em uma intensa dispersão no cotidiano, oposta à concentração. Esta última torna-se quase impossível na atualidade, em razão das novidades frenéticas oferecidas por tecnologias emergentes. Aparecer na (hiper)mídia, por exemplo, propõe certa produção de efeito, que pede atenção. Por isso, acompanhar a novidade como dado cultural seria a tentativa de atualizar a informação, cujos fatos precisam ser checados a partir da fonte que legitima o processo comunicacional.

Na epígrafe deste texto, Hooks (2021) convoca para refletir a respeito de a experiência vivida e a escrita como registro da atividade humana, sem julgamento. Ao escrever sobre transgressão no ensino, a autora entrelaça posições a serem deslocadas, conforme se constata a (de)construção do discurso contra hegemônico. Ou seja, interessa observar algumas estratégias discursivas para examinar outras vertentes competentes que destoam do sistema capitalista: convencional e tradicionalista.

Este ensaio almeja uma discussão sobre meu trabalho criativo de artes visuais intitulado *afroqueer* (Figuras 1-4), na extensão representacional de uma *persona* latina. A expectativa é expor argumentos a respeito de uma Arte Decolonial Sustentável. Como artista visual, pesquisador e professor universitário, investigo a condição adaptativa da pluralidade latina com experimentações poéticas. De maneira

estratégica, a expressão da diversidade cultural/sexual, de gênero, etnia-raça e classe retrata impressões na arte contemporânea que perpassam as comunidades Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexs, Assexuados, Pansexuados e afins – LGBTTIAP+.

Dessa maneira, há uma questão para se pensar: como se constitui a diversidade, hoje, nas comunidades latinas entre a pluralidade decolonial e a experimentação poética?

**Figura 1:** *Afroqueer* (aquarela em papel, 42x30cm)



**Fonte:** Autor, 2021

O objetivo é desenvolver um debate crítico-reflexivo acerca do *afroqueer*, como projeto criativo, no campo da arte contemporânea. A expressão cultural dessa *queerness* desperta adversidades. Quando a arte dialoga com a comunicação, examina-se uma contribuição interdisciplinar para a sociedade contemporânea.

Baseado em *estudos contemporâneos* (GLISSANT, 2021; HOOKS, 2021; LUGONES, 2014; MBEMBE, 2018; QUIJANO, 2000; TREVISAN, 2018), o referencial teórico não corresponde a uma escola de pensamento específica, embora destaque atualização e inovação. O percurso metodológico deste ensaio (MENEGETTI, 2011) evidencia três categorias (experiência, flexibilidade e versatilidade) diluídas ao longo do texto. O ensaio permite a eleição de valores, princípios e derivações da (re)dimensão decolonial, a qual (re)conduz um fecundo território ensaístico para o processo de criação na América Latina. Por certo, ensaiar exercita a representatividade latina.

Realizadas tais notas preliminares, este ensaio compreende dois tópicos: PLURALIDADE DECOLONIAL e EXPERIMENTAÇÃO POÉTICA. O primeiro destaca alguns aspectos circunstanciais de estudos a respeito do decolonial entrelaçados ao *queer*. Já o segundo exemplifica o *afroqueer* como objeto de leitura.

## 2 PLURALIDADE DECOLONIAL

Da arte à cultura (e vice-versa), a (re)dimensão decolonial do sujeito contemporâneo solicita um estudo aprofundado sobre a experiência humana, a propiciar o *diversus*. Quanto maior o grau de manifestações diversificadas, diferentes versões eclodem embates, conflitos e desafios, porque pulverizam a informação. Eis a versatilidade, em busca de (re)alinhamentos. Na superposição de camadas entre dados e fontes, as resultantes deslocadas por fragmentos se esmiúçam como as metáforas de garimpo ou grão de areia. O plural se diluí sem qualquer exclusividade. Essa situação descreve a dissolução da diversidade, em suas distorções representacionais.

Tornada um bicho-papão para as alas de moral fundamentalistas, a difusão da teoria queer deu um impulso fundamental no terreno das sexualidades não normativas – e não apenas em artigos acadêmicos. Os estudos queer já tinham seus pressupostos desde os anos 1970, como corolários teóricos da contracultura nos Estados Unidos. Sua proposta inicial propunha basicamente uma luta contra o sistema social, que deveria ser transformado, já que estava na origem da opressão sexual. Nesse sentido, por exemplo, família e casamento homoeróticos estavam fora de questão, por manterem fortes laços com a heteronormatividade (TREVISAN, 2018, p. 506).

O referido autor localiza a condição *queer* historicamente inaugurada nos anos 70. No tecido discursivo resiliente de ações afirmativas e visibilidade da diversidade, a abrangência *queer* dialoga com várias expressões latinas que se alternam conforme a necessidade abordada. Na arte, a persona *afroqueer* (Figuras 1-4) traduz tal radicalidade flexível, em que a variação dessas expressões coaduna estrategicamente no agenciar/negociar da mutação que registra a pluralidade, em constante transformação.

Assim, a rebeldia (re)inscreve o sujeito latino convocando uma percepção capaz de tecer possibilidades enunciativas presentes na recusa da colonialidade (LUGONES, 2014). Seria alargar as ideias e, ao mesmo tempo, fomentar uma leitura, mais coerente, acerca das coisas no mundo para ampliar o debate crítico-reflexivo. Conforme escreve Glissant (2021, p. 34), “toda identidade se desdobra numa relação com o outro”. Desse modo, os traços identitários são dissolvidos pela pluralidade decolonial, que contribui para a promoção de uma arte *afroqueer* e promove a radical perplexidade da extravagância, a questionar o hegemônico em prol da diversidade.

**Figura 2:** Esboço de *afroqueer* (grafite sob em papel, 30x20cm)



**Fonte:** Autor, 2019

Nesse contexto, uma leitura crítico-reflexiva interpela a pluralidade decolonial para reconhecer e legitimar a extravagância *queer* com flexibilidade e versatilidade. Estratificar possibilidades enunciativas, de modo controverso, seria elevar os elementos únicos para um diálogo plural. E, se a variação de olhares e experiências a respeito dos fatos elenca essa pluralidade, a latinidade (re)formula um tom flexível, inclusive pela sua extensão geopolítica com a globalização (QUIJANO, 2000). A globalização, assim, corresponde aos interesses do capital, reforçando a exclusão, centrada na ultrapassada classificação de poder do eurocentrismo: heterossexista,

branco. Isto é, a pluralidade decolonial se torna instância potente de qualquer despadronização.

Eis a urgência de uma (re)dimensão decolonial (LUGONES, 2014), como estratégia discursiva que se transversaliza pelo plural. Romper com o paradigma da colonialidade implica se libertar das amarras que exploram a colônia e o/a colonizado/a.

Quero pensar o/a colonizado/a tampouco como simplesmente imaginado/a e construído/a pelo colonizador e a colonialidade, de acordo com a imaginação colonial e as restrições da empreitada capitalista colonial, mas sim como um ser que começa a habitar um lócus fraturado, construído duplamente, que percebe duplamente, relaciona-se duplamente, onde os “lados” do lócus estão em tensão, e o próprio conflito informa ativamente a subjetividade do ente colonizado em relação múltipla (LUGONES, 2014, p. 942).

Conforme a citação destaca, uma tensão na dupla leitura se verifica entre colonizador/a e colonizado/a, em razão dos benefícios/malefícios apontados para a opressão colonial. Eis a fratura conflitante de pontos de vistas distintos. O decolonial reitera a (des)ordem para que a lógica capital seja subvertida, em prol do sujeito latino. Para Lugones (2014, p. 943), “a subjetividade ativa dos/as colonizados/as contra a invasão colonial de si próprios/as na comunidade desde o habitar-se a si mesmos/as”.

Essa citação convida à reflexão acerca da produção de subjetividade quando se (re)corta uma (re)dimensão decolonial pautada na política identitária e cultural, ao focar nos princípios evidenciados pela própria latinidade. Ser latino é ser plural. A filósofa argentina Maria Lugones (2014) (re)configura o rompimento – do/no lócus fraturado – na (inter)subjetividade discursiva do sujeito na América Latina para avançar no debate crítico-reflexivo em prol da diversidade. Isto é, a ideia ultrapassada de colonialidade eurocêntrica se (des)faz diante das necessidades plausíveis dos povos latinos.

Nesse caso, estratégias discursivas a respeito da noção de sujeito permeiam o cotidiano e retratam a realidade contemporânea, especialmente para se pensar acerca de uma pluralidade decolonial, na América Latina, voraz por suas próprias demandas. Essas estratégias são exercícios criativos como ensaio de ideias. Ao discorrer sobre da

fortuna crítica da obra de María Lugones no Brasil, Veiga (2022) explora a ideia de descolonizar entre a validade e a vigência desse arcabouço conceitual na atualidade.

Descolonizar ou adotar uma postura decolonial significa perceber a centralidade da raça e dos processos de racialização ao se pensar gênero, classe e localização no Brasil. Desse modo, decolonialidade se entrelaça à interseccionalidade e tais categorias aparecem, juntas, como ferramentas tanto teóricas quanto de ação política para os feminismos, suas demandas e reivindicações (VEIGA, 2022, p. 5).

Tal política identitária e cultural de interseccionalidade inaugura a pluralidade do olhar e da experiência humana (MBEMBE, 2018), permitindo agenciar/negociar uma posição que não seja subalterna. O que pede atualização sobre os processos comunicacionais geopolíticos, na extensão do digital. Sobretudo no campo da comunicação, a diversidade radicaliza as mensagens (hiper)mediáticas, muitas vezes, expõem o sujeito contemporâneo a estereótipos e representações equivocadas.

Nesse caso, a contribuição de Lugones (2014) convoca um (re)pensar acerca dos parâmetros (inter)sujetivos na produção de conhecimento da/na América Latina que inscrevem a realidade do sujeito latino/a. A pluralidade decolonial investe a atenção nos desafios da diversidade cultural/sexual, de gênero, etnia-raça e classe, ao denunciar a violência e a opressão contra os povos latinos, bem como rever os direitos humanos. Nessa vertente, entrecruzo o pensador africano Achille Mbembe (2018, p. 13):

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria ordinária, material e fantasmática, a raça esteve, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres.

Sua abordagem ressignifica a discussão para a margem, o periférico. Enfoca o território com outro olhar, cuja corporalidade africana entrelaça-se à corporalidade latina: o Sul global se entreolha para aprender com suas próprias diretrizes, na (re)dimensão decolonial. Como o lócus fraturado, citado por Lugones (2014), não desrespeita o Norte, nem denúncia hostilidade, revolta ou contestação, mas ressalta a

composição de peculiaridades latinas que pautam uma decolonialidade. Ao se descolonizar, o decolonial debate a potência rica de uma América Latina híbrida.

Assim, os estudos *queer* radicalizam o livre trânsito entre as fronteiras dos traços identitários, na insurgência de necessidades e demandas plurais. Seria, talvez, propor a resistência como *práxis* decolonial dessa *queerness* no eixo latino-americano, valorizando o sujeito contemporâneo. E a resiliência decolonial bane o pressuposto de colonialidade, a alcançar um estado emergente do *queer* (TREVISAN, 2018).

Isso posto, desconsidero o *queer* como teoria, para sinalizar um campo de estudos. Também asseguro que o *queer* não se trata, exclusivamente, de uma cultura da lacração. Pensar sobre o plural como produção de conhecimento, subjetividade e informação evidencia minha posição acadêmica, intelectual e artística, a confrontar o sistema hegemônico. Dito de outra forma, esse plural inscreve alternativas alargando a experiência contemporânea, em especial na experimentação poética que faço.

### 3 EXPERIMENTAÇÃO POÉTICA

A insubordinação criativa da arte contemporânea introduz uma experimentação poética que se alicerça nas deformidades; quiçá na despadronização estética e/ou técnica. Se há uma busca pelo extraordinário, estruturas cristalizadas não servem para sustentar o discurso. Nesse caso, o fecundo rompe com a norma, ao transversalizar posições díspares. Isso atrai novos ares que quebram com o que não dá conta da especificidade. Quando se evita corresponder ao chamamento hegemônico, verifica-se a necessidade de experimentar novas/outras maneiras de compor uma criação, tendo a realidade como referente. Seria subverter e, ao mesmo tempo, transgredir a ordem, cujo desfecho transversal se traduz em uma versão outra, diferente (HOOKS, 2021; TREVISAN, 2018). O que parece desafio é um convite ao que não está pronto.

Como exemplificação da despadronização estética e técnica, uma Oficina Criativa foi proposta para a State University of New York (SUNY), em 2022, a fim de desenvolver novas performances e epistemologias de subjetividades negras, indígenas

(nativos/originais), afro-caribenhas latinas através da produção de uma configuração visual complexa: criar a persona *afroqueer*, conforme ilustrações (Figuras 1-4).

Nessa experimentação poética, meu trabalho criativo – desdobrado entre colagem, desenho, pintura, instalação e performance – gera uma (des)figuração anamorfose com a intervenção gráfica, em grande escala (300x250cm), realizada no ateliê/estúdio da SUNY, em outubro de dois mil e vinte e dois. Tal experiência valoriza a força multicultural da persona (afro + *queer*) latina como produção de subjetividade para inaugurar uma representatividade latina no debate contemporâneo. Com efeito, o foco deste trabalho aborda o *afroqueer* na (re)dimensão decolonial do sujeito latino.

Na Oficina Criativa, cada estudante recebeu um pacote de papel de lanche (uma pequena bolsa), contendo determinadas instruções lúdicas (um informativo), bem como material de arte: tinta, papel e pincel. Nessa proposta artístico-pedagógica, subverter a ordem de uma formação convencional no processo de ensino-aprendizagem permite a elaboração de uma atividade coletiva, em que os/as presentes participaram, em fases de esboço, projeto e obra. Assim, foi criar uma grande imagem singular – o *afroqueer*, cuja poética (*poiesis*) equivale-se de fazer, elaborar, construir.

Na (re)utilização de materiais, cores e formas múltiplas foram sugeridas, durante essa tarefa colaborativa, para a manufatura de contornos e preenchimento com colagem, desenho, pintura. Isso permite experimentar, de forma diferente, o ateliê/estúdio, a viajar para além das fronteiras analógicas do espaço físico da universidade, migrando virtualmente em fluxo, ao redor do mundo, por meio de entrecruzamentos, compartilhamentos e tendências de mídia social na internet. Ou seja, a extensão das redes sociais amplia o lugar recorrente de um ateliê/estúdio para ceder lugar online, explorando novas maneiras de ver/ler a condição *afroqueer*.

**Figura 3:** Estudo de *afroqueer NY* (técnica mista em papel, 300x250cm)



**Fonte:** Autor, 2022

Do ponto de vista do conteúdo, a proposta traz diferentes citações plásticas e pictóricas. O resultado expressa um ser plural, afrodescendente, indígena, *queer* que contextualiza a diversidade cultural/sexual, de gênero, etnia-raça e classe na América Latina. A característica híbrida de mestiçagem do projeto gera, de maneira contraditória, seu caráter único: a persona *afroqueer*. No entanto, o objeto rejeita qualquer alegoria para se firmar como potência enunciativa de uma *queerness*. A partir de referências paradoxais, emergem os ícones polêmicos com o uso da barba, como exemplo, de identidade não-binária, tendo como referência a *drag queen* brasileira Ohana, entre outras. Elege-se uma imagem identidade flutuante e atual.

A pluma na cabeça do personagem saúda a herança indígena: cabocla, caiçara, caipira, amazônica, andina. E a ancestralidade afrodescendente está nos lábios vermelhos, em forma de coração, com seu olho grande. Isso aquece a docilidade voraz e seduz. Enquanto a face circular do rosto representa o globo, o triângulo da sociologia representa um corpo geométrico multicolorido. Há também destaque no pescoço para a citação das três pirâmides: Astecas, Incas e Maias. Além disso, o triunfo da vitória com a metáfora da coroa está no galho verde perto da orelha do brinco de ouro. Na parte superior da imagem, três pontos estabelecem reserva, segredo, sigilo, mistério.

Do ponto de vista da técnica, esta obra empresta referências conceituais de Arte Naif, Arte Pop, Arte Povera, Artesania, Assemblage, Bricolagem. No (re)uso de materiais, sobras de tinta e pincéis produzem uma Arte Decolonial Sustentável, a despertar a consciência sobre meio ambiente e consumo. Essa ação mostra uma forma econômica de fazer uma grande instalação de arte, fazendo um comentário social contra o desperdício acrítico, constatando o estado precário das coisas no mundo. De fato, uma instituição pública tem sobras de materiais prestes a serem descartados ou doados. Assim, fica mais fácil adquirir materiais para este trabalho, envolvendo a participação da comunidade local. A partir da reciclagem, esta iniciativa cria minha identidade artística, em que o processo de criação contribui para a emergência da discussão política identitária e cultural a respeito da agenda global de desperdício, fome, desigualdade.

No entanto, tudo se dissipa no final dessa atividade proposta como produção de subjetividade. A pintura é eliminada assim que acaba o encontro, por ser uma instalação de impermanência/transcendência (efemeridade), que só ocorre na construção da imagem. Em outras palavras, o que resta é apenas a experimentação poética e os registros hipermediáticos na internet. De fato, não se pode apreender a obra de arte como objeto fluido contemporâneo, pois o valor está na complexidade da ideia.

De um lado, experimentar, dessa forma, seria examinar o desconhecido, procurando explorar descobertas. Ou, ainda, requer abrir a oportunidade para novas alternativas. De outro, a poética se estabelece no fazer, pois durante a feitura de uma obra de arte contemporânea surgem situações inusitadas a serem resolvidas. Portanto, a poética está na caminhada, na jornada, no cotidiano. E será nesse ambiente de criação que o *afroqueer* se manifesta como pluralidade decolonial da condição latina atual.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre a arte contemporânea e a diversidade na América Latina, verifica-se a (re)dimensão decolonial, como desobediência de tal experimentação poética que provoca uma (re)articulação do pensar e do agir para germinar soluções inesquecíveis. A experiência – Tanto empírica quanto conceitual – ostenta os critérios aferidos nesse processo criativo exemplificado com a Oficina Criativa na SUNY, em 2022.

O desencadeamento político identitária e cultural com a distorção da realidade salienta uma revisão epistêmica, longe de denotar estratificações essencialistas, materialistas ou fundamentalistas. Da pluralidade decolonial à experimentação poética (e vice-versa), este ensaio elege experiência, flexibilidade e versatilidade para propor uma *queerness* que se (per)faz no decolonial. Todavia, a ideia foi refletir sobre os desdobramentos oferecidos aos estudantes da SUNY com o processo criativo.

**Figura 4:** *Afroqueer NY* (técnica mista em papel, 300x250cm)



**Fonte:** Autor, 2022

Nesta obra de arte – resultante da Oficina Criativa na SUNY –, a diversidade reforça um caráter plural de experimentação poética, cujo campo da comunicação fortalece uma dinâmica (hiper)mediática do sujeito como usuário/a-interator/a, propondo o fluxo recorrente da informação em evidência nas redes sociais da internet.

O que circula na internet, por assim dizer, são efeitos, porque apenas mostram imagens referentes de uma realidade alterada, condicionada. A população mundial (hiper)conectada, em bolhas, culmina nas tecnologias emergentes. E agencia/negocia as representações sociais em parcelas cooptadas pelo sistema capitalista. Vale ressaltar que o capital se interessa somente pelo capital. Portanto, essas representações na internet estabelecem estruturas hierarquizantes que reproduzem o sistema de colonialidade – arraigadas (presas) à dominação hegemônica.

Na superfície, a alegoria fora do padrão normativo desse *queer* tenta revolucionar os costumes e rebater a estridência de qualquer estranhamento discrepante: uma Arte Decolonial Sustentável<sup>1</sup>.

## REFERÊNCIAS

GLISSANT, E. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2021.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 15 set. 2022.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENEGHETTI, F.K. O que é um ensaio-teórico? **RAC**, Curitiba, v. 15 n. 2, p. 320-332, mar./abr. 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/rac>. Acesso em: 28 fev. 2023.

<sup>1</sup> O trabalho criativo de artes visuais intitulado *afroqueer* já foi executado na Universidade de São Paulo (USP) e na Faculdade de Tecnologia [Fatec] Itaquaquecetuba/SP, ambos em 2021. Já em 2022 foi realizado na Escola Técnica [ETEC] Piraju/SP e na Escola Estadual Buenos Aires na capital de São Paulo.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, E. (comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 777-831. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>. Acesso em: 13 out 2022.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. São Paulo: Objetiva, 2018.

VEIGA, A. M. Fraturando o locus: a influência de María Lugones no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 1, e85049, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/85049/48718>. Acesso em: 28 fev. 2023.

---

#### SOBRE O AUTOR

##### Wilton Garcia Sobrinho

Professor da Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba (Fatec) Itaquaquecetuba, SP. Mestre e Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9598-2323>

**Currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3458459542807532>

**E-mail:** 88wgarcia@gmail.com

---

127

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO

GARCIA SOBRINHO, Wilton. Afroqueer: uma (re)dimensão decolonial. **Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza**, v. 14, n. esp., p. 114-127, jun. 2023.

**RECEBIDO EM:** 21/11/2022

**ACEITO EM:** 28/04/2023

**PUBLICADO EM:** 18/06/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional